

HISTÓRIA, INTELECTUAIS FEMINISTAS E CIDADANIA DA MULHER

Profa. Dra. **Alice Mitika Koshiyama** – Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

E-mail: alicemit@usp.br

1. Feminismo e História das Mulheres

É reconhecida a importância das idéias para as mudanças sociais e para a conquista da hegemonia de grupos ou classes em uma sociedade. No caso da história das mulheres, comprova-se que os valores dominantes em uma cultura estão relacionados à situação delas em diferentes momentos da história..

A legitimação de uma história das mulheres nas últimas décadas aconteceu paralelamente ao desenvolvimento de movimentos organizados em defesa dos direitos de cidadania como questão de gênero, classe, raça, na busca da cidadania plena. A própria transformação da pesquisa histórica hoje permite aprofundar indagações sobre o mundo feminino com a valorização da história da vida cotidiana.

Estudos sobre vida cotidiana mostram a organização das sociedades e as formas de desenvolvimento dos relacionamentos humanos no tempo e destacam alguns valores permanentes que distinguem o gênero humano, conforme nos demonstra Agnes Heller em *O cotidiano e a história* (pp.1-15). Para ela, as transformações da sociedade são acompanhadas pelas transformações dos valores dominantes.

Os estudos sobre a hegemonia de grupos ou classes em uma sociedade demonstram a importância da ideologia para as mudanças sociais. Determinados valores que são aceitos ou renegados em uma cultura são fundamentais para o reconhecimento da posição das mulheres em diferentes momentos da história

O movimento feminista, ao mesmo tempo em que lutava pela busca de reconhecimento dos direitos das mulheres, permitiu repensar a sua história e incentivar o estudo e a divulgação da literatura feminista. Se a simples veiculação das idéias é insuficiente para mudar a história, conhecer alguns aspectos do pensamento feminista é uma condição necessária para combater conscientemente as situações cotidianas da exclusão de gênero.

Neste trabalho mostramos parte da ação de Simone de Beauvoir e Carmen da Silva no campo da organização da cultura feminista, com o objetivo de fazer uma escrita da história, escrita parcial e lacunar. Conforme Certeau, no capítulo sobre a operação histórica de *A Escrita da História*, a pesquisa histórica é um permanente preenchimento de lacunas anteriormente deixadas por outros pesquisadores.

Ao expor o processo de construção da narrativa histórica, Certeau aponta, dentre as condições de operação, o lugar social dos pesquisadores e dos objetos de pesquisa. Mostra o trabalho do historiador como parte de uma atividade coletiva que possibilita e limita suas escolhas de temas, objetos, documentos e a disponibilidade de usos, de métodos e técnicas de análise. Em síntese, a história é sempre escrita de um lugar social, que deve ser conhecido para a compreensão da obra.

2. Do feminino ao feminismo

A marca de ser integrante de uma subespécie inferior ao homem limitou a vida das mulheres oprimindo-as, processo desvendado por Simone de Beauvoir como fenômeno histórico e não produto da natureza, em *O Segundo Sexo*.

Hoje, reconhecemos a importância da comunicação e defesa dos valores que interessam ao desenvolvimento pleno da cidadania das mulheres. O trabalho pioneiro de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, causou espanto aos bem comportados cidadãos em 1949 e influenciou a vida de muitas mulheres.

No Brasil, na Constituição em vigor até 1988, considerava-se a mulher um ser relativamente capaz. Esta limitação jurídica explicitava o cerceamento aos atos delas, em uma tendência histórica de submissões da mulher à

autoridade do pai ou do irmão, quando solteira; ou do marido, quando casada. Aos homens cabia apoiar a ideologia dominante e impor a lei.

A moral dominante era dupla: uma para o homem e outra para a mulher. Nesse contexto, mulheres eram classificadas, a partir de modelos de comportamentos sexuais estereotipados, em sérias ou levianas, honestas ou prostitutas. Lembramos as mulheres mortas por seus maridos, namorados ou amantes nas décadas de 60-80, crimes defendidos pelos advogados como se fossem práticas de “legítima defesa da honra”. As mulheres feministas tiveram muito trabalho para enfrentar essa argumentação absurda.

3. Um livro feminista *O Segundo Sexo*

Ao publicar a obra, em 1949, Simone de Beauvoir colocou em questão uma nova avaliação da condição feminina. Estudava-a a partir dos parâmetros da filosofia e da história e avaliava descobertas e concepções dominantes sobre a mulher nos principais campos do conhecimento humano. Reconhecia as diferenças mas procurava interpretá-las, à luz do objetivo da mulher ser o sujeito da sua história.

A polêmica obra de Simone de Beauvoir permanece atual enquanto leitura de realidade da mulher no mundo, a tese de que ser mulher é parte de um processo histórico. E que nem a biologia, nem a psicanálise, nem o materialismo histórico dava conta de explicar a *condição* da mulher enquanto ser genérico. Em suas próprias palavras:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (O Segundo Sexo, vol.2, p.9)

Rastreado as explicações sobre o ser mulher – na natureza, na cultura, na economia, na política --, Simone projeta o conjunto de construções elaboradas pela cultura ocidental para manter os padrões dominantes de comportamento e de ação desejáveis para a mulher.

Ao falar da mulher como um ser, a partir da noção de valor (cf. Hegel), “sentido dinâmico” (...) raciocina: “*ser é ter-se tornado, ter sido feito tal como se manifesta. Sim, as mulheres, hoje, em seu conjunto, são inferiores aos homens, Isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve perpetuar-se.*” (Obra citada, vol. 1, p.18)

Ao observar a forma como o homem usa a noção de igualdade e desigualdade no cotidiano, no campo concreto e abstrato detecta: a negação da desigualdade concreta mais a afirmação da igualdade abstrata resulta na omissão do que acontece. Enquanto que afirmar a desigualdade concreta que existe leva ao reconhecimento da negação da igualdade, o que é real.

E completa : “Não há descrição, dita objetiva, que não se erga sob um fundo ético. Ao invés de tentar dissimular os princípios que se subentendem mais ou menos explicitamente, cumpre examiná-los.” (Obra citada, pp. 20 –22).

Explicita o drama da mulher na filosofia existencialista: ser sujeito *versus* um ser em situação:

A perspectiva que adotamos é da moral existencialista. Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista da existência em si, da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito. Se lhe foi infligida, assume o aspecto de frustração ou de opressão. Em ambos os casos, é um mal absoluto. Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender. (Obra citada, p.23)

O que é uma mulher? Encontramos os mitos de mulher na vida cotidiana, nas condutas individuais ou coletivas, nos meios de comunicação de massas, na literatura. A análise dos mitos na literatura, como o “eterno feminino”, um absoluto que é a feminilidade, definição contrária ao concreto das mulheres. Há os arquétipos da feminilidade nas formas negativas ou positivas, e com a formação de pares que se opõe. Indivíduos e sociedade usam o mito conforme necessitam. O “mistério feminino” não precisa ser explicado, no ponto de vista dos homens são categorias absolutas – sem reciprocidade. O problema liga-se não ao sexo feminino ou masculino mas à situação. (Obra citada, v. 1, pp.300-305).

Ela observa:

Para que toda a reciprocidade se apresente como impossível, é preciso que o Outro seja para si um Outro, que sua subjetividade mesmo seja afetada pela alteridade. Essa consciência que seria alienada enquanto consciência, em sua pura presença imanente, seria evidentemente Mistério, seria Mistério em si pelo fato de que seria para si; seria o Mistério absoluto. (...)

O Mistério é propriedade do escravo.

(Obra citada, pp. 305)

O mito se explica em grande parte pelo uso que dele fazem os homens. A mulher hoje (1949), é objeto da duplicidade dos homens: mulher um ser “semelhante, igual” mas “inessencial”. Então a “verdadeira mulher” é uma visão dos homens e das mulheres que vêem pelos olhos deles, é a que se aceita como Outro. (Obra citada, v. 1, pp. 306-308).

Para o homem não existe nenhuma duplicidade. Inexiste o hiato entre vida pública e vida privada. O homem pode ter uma vida completa, a ele não se atribui “Mistério”.

A mulher e o homem são produtos da cultura, das civilizações, e mudanças em um deles afetará o outro. A proposta de Simone de Beauvoir é clara:

Libertar a mulher é recusar a encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar: ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir também para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um outro para o outro; (...) quando for abolida a escravidão de uma metade da humanidade e todo o sistema de hipocrisia que implica, que a “seção” da humanidade revelará sua significação autêntica e que o casal humano encontrará sua forma verdadeira. (Obra citada, v. 2, p.500)

As citações demonstram a atualidade do trabalho de Simone de Beauvoir ainda hoje, no início do século XXI.

A leitura de *O Segundo Sexo* é um texto que fascina as leitoras inquietas desde a sua publicação até o momento presente, estimulando reflexões, estudos, debates e dando à luz questões e respostas que inspiraram e animaram agrupamentos de mulheres feministas.

No início do ano 2000, comemorou-se o aniversário dos cinquenta anos de publicação da obra em um encontro realizado em Paris, congregando participantes de todo o mundo – de militantes feministas a pesquisadores eruditos – comprovando a permanência do trabalho como obra de referência para a condição feminina. Tudo foi posto em análise: da maternidade ao lesbianismo, dos casamentos ao celibato.

A influência de Simone de Beauvoir na formação de intelectuais feministas, principalmente com o texto *O Segundo Sexo*, é um fato explicitamente assumido pelas militantes, inclusive pela jornalista Carmen da Silva, cujo trabalho examinamos a seguir.

4. A Arte de Ser Mulher: um jornalismo feminista

Na história, notamos que os jornalistas exercem o papel de intelectuais orgânicos ao executar um trabalho específico no estabelecimento, na consolidação e na ampliação dos projetos de hegemonia dos diferentes grupos e

classes de uma sociedade, conforme lembra Antonio Gramsci. Para tanto, os jornalistas formam quadros dirigentes e militantes de diferentes níveis respeitando as suas diferenças de informação e percepção. (Ver: *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*)

Pesquisamos, na história do jornalismo recente, quais as possibilidades de ação de intelectuais orgânicos do movimento feminista na imprensa brasileira. Verificamos que, em geral, a imprensa feminina produzida pelas grandes empresas jornalísticas, tem mostrado um caráter conservador, voltado para as demandas do mercado consumidor.

Carmen da Silva atuou em um dos mais tradicionais veículos da imprensa feminina, a revista *Cláudia* da Editora Abril, mantendo um espaço em que assinava seus textos, de 1963 a 1985. Ainda hoje ela é lembrada pelas mulheres que a liam, mulheres de diferentes formações escolares e heterogêneas opções partidárias.

Ela também colaborou na imprensa alternativa, espaço de intelectuais feministas no jornalismo dos anos 70 aos 80. *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres*, *Mulherio* são publicações que desapareceram e na época em que circulavam tinham tiragens pequenas e não chegavam ao conhecimento do conjunto do público de leitoras no país. Estas liam mais as revistas da grande imprensa feminina.

Nesse contexto histórico, a presença de Carmen da Silva nas páginas de *Cláudia* é algo único, diferente das publicações alternativas e também um texto diferente do padrão dominante nas grandes revistas femininas da época. Carmen da Silva construiu, em um veículo da grande imprensa feminina conservadora do país, um jornalismo feminista.

Na primeira leitura dos seus textos publicados em *Cláudia* notamos suas qualidade de jornalista e escritora, sua visão de feminista e psicóloga, seu bom humor e ótima redação.

Carmen reconhecia que falava para um segmento de mulheres, aquelas que formavam a classe média da sociedade. Ela conhecia o seu público de leitores típicas de uma revista bem escrita que falava da casa confortável, da comida saborosa, de roupas da moda, de como contentar maridos, filhos, familiares, reforçando os papéis tradicionais de esposa, mãe, filha bem comportada.

Ela não entrou em colisão radical com acomodadas, conformadas/anestesiadas pelo peso da tradição. Procurou levantar, inicialmente, zonas de insatisfação individuais, apontar algumas situações, que ela Carmen mulher, sabia serem problemas da maioria. Mas sempre teve a habilidade e o respeito pelas limitações das suas leitoras, escutava-as. Saía falando para platéias de mulheres, escrevia também na imprensa alternativa, e as militantes também aprendiam com os diálogos abertos por ela.

Carmen da Silva entrou em *Cláudia* para escrever a seção que já tinha um título “A Arte de Ser Mulher”. Diz não ter gostado do nome, mas adorou a idéia de conversar com as mulheres sobre seus problemas cotidianos. Sem reforçar o padrão conservador tradicional de mulher, procurava fugir do dogmatismo ou do maniqueísmo, não condenava e não absolvía. Tentava sempre mostrar os problemas das mulheres como parte de um sistema de relações entre pessoas. As mudanças boas para as mulheres dependiam dos seus esforços em convencer os outros: mulheres, homens, crianças a mudarem seus papéis tradicionais. E aí, no limite, não eram questões apenas para o espaço das relações privadas, dos homens na condição de namorados, maridos, amantes, filhos, pais, avôs e netos. Era uma questão também para homens públicos: políticos, legisladores, padres, pastores, médicos, advogados. Pois envolviam problemas como o da igualdade jurídica de homens e mulheres, aborto, desquite e divórcio, direitos à saúde, à educação, à assistência a infância. (Ver: *O Melhor de Carmen da Silva*, capítulo 2 – Feminismo e Capítulo 9 - Aborto)

Carmen não incorria na simplificação que igualava todas as mulheres. Enxergava as diferentes condições de desigualdade. A das muito ricas, que por verem no casamento uma sinecura, se recusavam a assumir suas identidades como seres humanos integrais e viviam, às vezes, situações aviltantes para a sua dignidade e reforçando comportamentos hipócritas e opressores.

A desigualdade das mulheres pobres que em geral tinham dupla jornada de trabalho e tinham dificuldades com os filhos pequenos sem creches e prejudicados pela ausência diária das mães.

A desigualdade das mulheres da classe média, impedidas por seus pais ou maridos de manter um emprego fora para se dedicarem exclusivamente ao lar e aos filhos. E quando profissionais no mercado de trabalho, enfrentando dificuldades devido a dupla jornada de trabalho e outras discriminações.

A análise dos textos de Carmen para a revista *Cláudia* mostra-nos o desenvolvimento de um projeto de comunicação executado de 1963 a 1985. Nele, a psicóloga e jornalista foi mostrando, a partir das questões da vida privada das mulheres, a possibilidade de transformação delas em sujeitos das suas vidas cotidianas.

Dizer o que pensava, apontar seus sentimentos, exercer julgamentos, chamar a atenção para limitações pessoais, clamar por direitos, reconhecer pressões de pessoas ou grupos, aprovar atos e comportamentos positivos, repudiar propostas discriminatórias, essas eram intenções explicitadas nos seus textos.

Havia uma visão militante dela, mas na medida certa do “otimismo da vontade e do pessimismo da razão”, lembrando o famoso lema de Antonio Gramsci.

Um estudo da sua biografia intelectual possibilita a compreensão de seus atos. Com a leitura crítica de obras do existencialismo (Sartre e Simone de Beauvoir), do marxismo e da psicanálise freudiana, Carmen articulava uma visão da história e da relação do indivíduo com o seu mundo. A transformação da vida de cada um de nós é uma combinação das vontades explicitadas em atos. Atos mediados pelas nossas percepções das possibilidades e limitações que nos cercam.

À psicóloga Carmen cabia o trabalho de construir com suas leitoras percepções diferentes daquelas herdadas pelas mulheres que recebiam a “herança cultural” do passado. Nesse sentido, estabelecia com suas leitoras, nos seus artigos mensais, um processo de análise.

Na condição tripla de mulher, jornalista e cidadã, Carmen organiza sua inserção na cultura brasileira dos anos 60 aos 80, ao demarcar uma ação em um espaço público - a revista *Cláudia* - com um trabalho privado junto a cada leitora. Cidadã com um projeto de democracia para todos, enquanto processo de construção coletiva de um mundo diferente e novo propunha um amplo espaço para o feminismo e a psicologia como coadjuvantes do processo histórico.

O trabalho de Carmen da Silva deve permanecer na memória dos que a leram mensalmente nas páginas da revista *Cláudia* e das leitoras da coletânea *Melhor de Carmen da Silva*.

5. O projeto inacabado do feminismo

No capitalismo vigente, a ascensão social da mulher se processa pela sua inserção no mercado de trabalho centrada na sua valorização enquanto agente econômico, consumidor de mercadorias. Coerente com esses objetivos, os meios de comunicação de massas tratam as mulheres como seres que devem ser disciplinados e seduzidos para adotarem comportamentos padronizados, caracterizados como femininos. Regra aplicável para publicações dirigidas a públicos de alto, médio e baixo poder aquisitivo. Há uma perfeita harmonia entre o campo publicitário e a área jornalística na busca de mulheres consumidoras.

Hoje, faltam espaços independentes para o debate e a organização dos interesses das mulheres. Paradoxalmente, nunca antes as mulheres foram tanto objetos de matérias jornalísticas, pois na atualidade, elas são vistas como consumidoras de idéias ou produtos para o seu real ou suposto bem estar.

Neste universo, temos ainda projetos alternativos de comunicação feminista que trabalham a organização das mulheres num contexto menor, em oposição à ideologia dominante nos meios de comunicação.

A proposição de um feminismo libertador para mulheres como seres humanos integrais continua uma utopia válida no projeto de construção de uma cidadania para todos. Na organização da sociedade, a utopia feminista inscreve-se no contexto de luta por novas relações sociais que podem ser construídas.

6. Bibliografia Básica

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad.de Sergio Milliet, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. (2 vol.)

CERTEAU, Michel de. A Operação Histórica, in Jacques Le Goff e Pierre Nora (org.). *História: Novos Problemas*, 4ª. ed., trad. Theo Santiago, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995, pp. 17-48.

GRAMSCI, Antônio. Trad. Carlos Nelson Coutinho. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização, 1968.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 3 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. “A permanência da obra feminista de Simone de Beauvoir em Carmen da Silva”, texto apresentado no Colóquio “ O segundo sexo cinqüenta anos depois” , promovido pelo Instituto de Psicologia da UFRJ, de 22 a 24 de novembro de 1999.

_____. Communication, identité et citoyenneté féminine dans la culture globale: actualité du passé: in ACTES DU IV ème Colloque France-Brésil des Chercheurs en Communication - PRATIQUES CULTURELLES COMMUNICATION ET CITOYENNETE, Grenoble, 1998, pp.269-276.

MELO, Hildete Pereira de. & Schuma Schumacher. Feminismo pós-1975. A segunda onda feminista no Brasil. In *Dicionário Mulheres do Brasil*, Rio de Janeiro, Zahar, 2000. pp.229-239.

SILVA, Carmen da. *O Melhor de Carmen da Silva*. Seleção de Júlia Tavares, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1994.